

ESPIRITUALIDADE PARA AS EMPRESAS?!!!

*Robson Santarém
(Gazeta Mercantil - 30/03/2000)

É crescente o movimento para o resgate da plenitude humana no ambiente de trabalho. Já não se suporta mais o modelo "taylorista" nas organizações, nem a filosofia mecanicista que fragmentou a pessoa de tal forma que muitos perderam a sua identidade. Resgatar, portanto, a inteireza humana é um imperativo do nosso tempo, sob pena de perdermos nossas referências e o sentido de nossa vida se não avançarmos com ousadia rumo a uma nova ordem e rumo ao encontro de nós mesmos, transcendendo os limites que nos são impostos.

Tal atitude não necessariamente está vinculada a questões religiosas, mas antes relaciona-se com a nossa razão de ser. Está aí o motivo pelo qual milhões de pessoas estão buscando por diferentes caminhos o sentido da vida. Acreditamos que isso não se choca com o mundo dos negócios, ao contrário, a pessoa humana realizada, feliz, que encontra no ambiente de trabalho o espaço para viver plenamente, produzirá muito mais resultados.

Descobrir que somos muito mais que o ser corporal, físico, material e mesmo emocional, e que além de tudo há uma outra dimensão que tudo transcende e nos integra profundamente com tudo e com todos, abre-nos a visão e a nossa percepção para outras realidades capazes de nos tornar inteiros, íntegros, plenos. Isto implicará em um profundo respeito à vida – e será a vida em sua plenitude – a referência do que aqui chamamos de espiritualidade.

Após séculos vivendo um processo de fragmentação, resultado de um longo caminho por onde passaram Bacon, Descartes, Isaac Newton entre outros, estamos evoluindo finalmente para uma nova consciência – chamada holística, justamente quando também as sociedades, os países, o planeta vivem a sua crise. Um processo de globalização jamais visto impactando seriamente as organizações, exigindo-lhes competitividade global, novas estruturas, novos modelos, novo jeito de ser diante de tamanhos desafios. E "apenas os inteiros estarão preparados para os novos desafios" (Roberto Crema).

Assim, acreditamos que se efetivamente não houver uma transformação pessoal, qualquer mudança no mundo não transformará as organizações. Urge então investir para que todos – pessoas e organizações – estejam inteiros para enfrentar os desafios destes tempos.

No aspecto pessoal é fundamental que a pessoa vá ao encontro de si e de sua transcendência. Será, certamente, ouvindo o "conhece-te a ti mesmo" do oráculo de Delphos, ou abrindo-se para o Absoluto, para o Transcendente, para o Sentido Último da vida que encontrará a si mesmo. E assim descobrir e identificar as suas potencialidades, o seu conjunto de crenças e valores, também as suas fragilidades e principalmente saberá responder o porquê da vida, a sua missão no aqui e agora da existência. Descobrir-se é também descobrir o outro, integrar-se e criar relações construtivas porque somos um e evoluímos juntos. Colocar-se à serviço do outro, da comunidade é atitude de quem descobriu o caminho da felicidade, da plenitude da vida.

Ora, também a empresa é um organismo – chamamos de "pessoa" jurídica – que deve e precisa descobrir a sua dimensão transcendental: a sua identidade, a sua razão de existir, a sua missão. Está muito claro que toda empresa deve ser competitiva e lucrativa, entretanto, o lucro não é o seu fim último.

Precisa, ainda, definir os seus valores e crenças sobre os quais se apoiarão as suas políticas, procedimentos e ações internas e externas.

Alguns requisitos capazes de fortalecer a "alma" da organização:

Criar espaço para que os colaboradores se realizem no ambiente de trabalho através de uma gestão participativa e onde a inovação, a criatividade, o talento de cada um possa emergir contribuindo efetivamente para resultados.

Gerar uma nova cultura fazendo da empresa uma comunidade de aprendizagem – onde todos ensinam e onde todos aprendem – como um caminho para enfrentar as mudanças constantes, através de renovação contínua.

Estabelecer com seus fornecedores e clientes, relações de parcerias duradouras, tendo a ética, a transparência, a confiança e a colaboração mútuas como requisitos vitais para o êxito.

Por fim, também a organização precisa fazer-se solidária e assumir o papel de cidadã contribuindo com o bem comum. Suas ações socialmente responsáveis com relação à comunidade, ao meio-ambiente, enfim à vida humana, possibilitarão aos colaboradores orgulhar-se da empresa em que trabalham e à sociedade orgulhar-se de ter uma empresa cidadã, e todos colherão os merecidos frutos.

Concluo citando novamente o Roberto Crema: "Este planeta é uma grande escola e aqui viemos para nos diplomar como seres humanos plenos"; que seja também uma escola para as nossas organizações! Pois empresa ética, cidadã, feliz e vencedora é aquela constituída por cidadãos éticos, felizes e vencedores.

***Robson Santarém**

Diretor da Agência Brasil – Especializada em Seres Humanos

Vice-Presidente da ADCE RJ Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresa